

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA
CURSO DE BACHARELADO EM FARMÁCIA

CHARLINTON CRUZ DA SILVA
JESSIKA THAILANNY ASSIS DA SILVA
WELLANE RODRIGUES FERREIRA QUEIROZ

**A influência das mídias sociais na automedicação entre jovens adultos:
Riscos e desafios**

RECIFE/2025

CHARLINTON CRUZ DA SILVA
JESSIKA THAILANNY ASSIS DA SILVA
WELLANE RODRIGUES FERREIRA QUEIROZ

**A influência das mídias sociais na automedicação entre jovens adultos:
Riscos e desafios**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Disciplina TCC II do
Curso de Bacharelado em Farmácia do
Centro Universitário Brasileiro -
UNIBRA, como parte dos requisitos
para conclusão do curso.

Orientador(a): Prof.^a. Dra. Isabella
Coimbra Vila Nova.

RECIFE / 2025

CHARLINTON CRUZ DA SILVA
JESSIKA THAILANNY ASSIS DA SILVA
WELLANE RODRIGUES FERREIRA QUEIROZ

**A influência das mídias sociais na automedicação entre jovens adultos:
Riscos e desafios**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Disciplina TCC II do Curso de Bacharelado em Farmácia do Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA, como parte dos requisitos para conclusão do curso.

Examinadores:

Orientadora Dra. Isabella Coimbra Villa Nova.

Examinador 1 – Dr Luiz da Silva Maia Neto

Examinador 2 - Titulação

Nota: _____

Data: ____/____/____

Dedicamos este trabalho à força que nasce da união. Três trajetórias que, ao se cruzarem, encontraram sentido na colaboração, na persistência e na superação. Que esta travessia inspire outras jornadas de conhecimento e amizade.

AGRADECIMENTOS

Eu, Charlinton, sou grato primeiramente a Deus, pois, sem Ele isso não estaria acontecendo.

Grato as minhas amigas Wellane e Jessika por terem me ajudado inúmeras vezes nessa trajetória, como foi dolorosa nossa caminhada, só Jesus sabe o que passamos,

A minha esposa Marcela Rayane, que sempre esteve ao meu lado, essa conquista não é só minha, mas de todos os que amo e me ajudaram até aqui, que o Senhor continue abençoando as suas vidas.

A sensação de realizar mais um sonho é maravilhosa, muitos achavam que eu não conseguiria, poder dar uma vida melhor pra minha família, oferecer aos meus filhos o que não tive, isso foi meu combustível.

Eu, Jessika, em primeiro lugar, agradeço a Deus, por me dar força, sabedoria e saúde para seguir em frente, mesmo diante dos desafios mais difíceis.

Ao meu pai Eliezer Ferreira, por todo esforço, sacrifício e apoio, especialmente por tornar possível a realização do meu curso. Sua contribuição foi essencial para que eu chegasse até aqui.

Aos meus avós paternos Maria do Carmo e Gercino Pereira, que me criaram com amor, cuidado e dedicação, como se eu fosse filha. Vocês são minha base e meu alicerce, e muito do que sou devo a vocês.

Ao meu noivo Thiago Vinicius, pela paciência, pelos incentivos e por estar sempre ao meu lado nos momentos mais difíceis. Obrigada por acreditar em mim mesmo quando eu duvidava.

A todos os meus familiares, que torceram, acompanharam e vibraram com cada conquista ao longo dessa caminhada, minha gratidão.

Agradeço aos meus amigos e companheiros de TCC, Wellane Rodrigues e Charlinton Cruz, pela parceria, comprometimento e apoio em cada etapa do trabalho, foi um privilégio dividir essa jornada com vocês.

A todos que, de alguma forma, fizeram parte dessa trajetória: o meu mais sincero obrigado.

Eu Wellane, enfatizo que meu coração transborda de alegria e gratidão por ter chegado até aqui. Agradeço primeiramente a Deus, por toda força e esperança que me tens concedido. Sem Ele, nada seria possível.

Agradeço aos meus pais Wellington Queiroz, o maior incentivador dos meus sonhos, por ter me impulsionado a chegar até aqui.

A Cristiane Rodrigues, pelo apoio e compreensão em momentos difíceis.

Aos meus amigos Jessika Thailanny e Charlinton Cruz, por terem trilhado comigo todo o percurso desta faculdade, essa vitória é nossa.

Ao meu namorado Luiz Henrique, que chegou há pouco tempo, mas foi meu companheiro em vários momentos, de uma força linear.

A todos vocês, meus mais sincero e profundo agradecimento.

Nós, agradecemos em especial a nossa orientadora, professora Isabela Coimbra, por sua orientação, atenção e disposição em compartilhar seu conhecimento de forma tão generosa. Sua contribuição foi fundamental para este trabalho.

“A menos que modifiquemos a nossa maneira de pensar, não seremos capazes de resolver os problemas causados pela forma como nos acostumamos a ver o mundo.”

Albert Einstein

A influência das mídias sociais na automedicação entre jovens adultos: riscos e desafios

Autores: Charlinton Cruz da Silva¹, Jessika Thailanny Assis da Silva^{2*}, Wellane Rodrigues Ferreira Queiroz³, Dra. Isabella Coimbra Vila Nova⁴.

Graduando em Bacharelado em Farmácia, Centro Universitário Brasileiro, Brasil. (¹charlimton92@gmail.com)

Graduanda em Bacharelado em Farmácia, Centro Universitário Brasileiro, Brasil. (^{2}assisthai27@gmail.com)*

Graduanda em Bacharelado em Farmácia, Centro Universitário Brasileiro, Brasil. (³qwellane@gmail.com)

Doutora em Ciências biológicas (UFPE), Universidade Federal de Pernambuco, Brasil. (⁴isabella.nova@grupounibra.com)

RESUMO

O uso crescente das mídias sociais como fonte de informação em saúde entre jovens adultos tem impulsionado o acesso a recomendações sobre medicamentos sem orientação profissional, favorecendo o aumento da automedicação e do uso irracional de fármacos. Este estudo teve como objetivo analisar a influência das mídias sociais no comportamento de automedicação entre jovens adultos, destacando os impactos da disseminação de informações não verificadas, o papel dos influenciadores digitais e a importância da atuação farmacêutica na promoção do uso racional de medicamentos. Trata-se de uma revisão integrativa de literatura, de caráter bibliográfico, baseada em artigos científicos publicados entre 2015 e 2025, obtidos nas bases Medline via PubMed, SciELO, ScienceDirect e LILACS. Foram incluídos estudos observacionais, ensaios clínicos e revisões que abordassem o comportamento de automedicação, o uso de redes sociais e a atuação do farmacêutico. Os resultados evidenciam que plataformas como TikTok, Instagram e Facebook contribuem para a propagação de conteúdos que incentivam o uso indevido de medicamentos, como a semaglutida (Ozempic) para fins estéticos, ampliando os riscos de reações adversas, interações medicamentosas e intoxicações. Além disso, a dependência digital intensifica a vulnerabilidade emocional e cognitiva dos jovens, comprometendo a tomada de decisões em saúde. Conclui-se que a presença ativa do farmacêutico como educador e orientador é essencial para combater a desinformação, reduzir os riscos associados à automedicação e promover práticas seguras de autocuidado entre jovens adultos.

Palavras-chave: automedicação, mídias sociais, jovens adultos, farmacêutico, uso racional de medicamentos.

The Influence of Social Media on Self-Medication Among Young Adults: Risks and Challenges

ABSTRACT

The growing use of social media as a source of health information among young adults has increased access to medication recommendations without professional guidance, promoting self-medication and irrational drug use. This study aimed to analyze the influence of social media on self-medication behavior among young adults, highlighting the impact of unverified information dissemination, the role of digital influencers, and the importance of pharmacists in promoting the rational use of medicines. This is an integrative literature review, of bibliographic nature, based on scientific articles published between 2015 and 2025, obtained from Medline via PubMed, SciELO, ScienceDirect, and LILACS databases. Observational studies, clinical trials, and reviews addressing self-medication behavior, social media use, and pharmacist intervention were included. The results show that platforms such as TikTok, Instagram, and Facebook contribute to the spread of content encouraging improper medication use, such as semaglutide (Ozempic) for aesthetic purposes, increasing the risks of adverse reactions, drug interactions, and intoxications. Furthermore, digital dependence intensifies young people's emotional and cognitive vulnerability, impairing their decision-making regarding health. It is concluded that the active presence of pharmacists as educators and counselors is essential to combat misinformation, reduce the risks associated with self-medication, and promote safe self-care practices among young adults.

Keywords: self-medication, social media, young adults, pharmacist, rational use of medicines.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AND – Operador Booleano “E”

COVID-19 – Coronavirus Disease 2019 (Doença do Coronavírus 2019)

DeCS – Descritores em Ciências da Saúde

Et al. - e outros

ICTQ – Instituto de Pesquisa e Pós-Graduação para o Mercado Farmacêutico.

LILACS – Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde

Medline – Medical Literature Analysis and Retrieval System Online

MIPs - Medicamentos isentos de prescrição

OMS – Organização Mundial da Saúde

PubMed – Public/Publisher MEDLINE

SCIELO – Scientific Electronic Library Online

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Quadro 1 – Estratégia de busca utilizando os descritores.....	13
Figura 1 - Fluxograma de seleção de estudos	14
Quadro 2 - Sínteses dos artigos incluídos	15

SUMÁRIO

1. Introdução.....	11
2 Materiais e métodos.....	12
3 Resultados e discussão.....	15
4 Conclusão.....	21
Referências.....	22

1 Introdução

Nos últimos anos, o uso intensivo das mídias sociais tornou-se uma importante fonte de informação em saúde para jovens adultos, facilitando o acesso rápido a conselhos e recomendações sobre medicamentos sem supervisão profissional. A hiperinformação disseminada em redes sociais durante a pandemia de COVID-19 levou ao aumento da automedicação, gerando ansiedade e uso irracional de medicamentos.¹

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2022)², a automedicação é definida como o tratamento de distúrbios ou sintomas reconhecidos pela própria pessoa por meio do uso de medicamentos sem consulta prévia a um profissional de saúde qualificado, ou ainda o uso contínuo ou intermitente de medicamentos anteriormente prescritos para doenças crônicas ou recorrentes.

Atualmente, influenciadores digitais e blogueiros exercem grande influência sobre os hábitos de consumo de seus seguidores, especialmente no que se refere à saúde e ao uso de medicamentos. Muitos desses influenciadores compartilham experiências pessoais sobre o uso de fármacos ou suplementos, indicando produtos sem orientação profissional e, muitas vezes, sem conhecimento técnico adequado. Esse tipo de prática pode incentivar a automedicação entre jovens adultos, que tendem a confiar nessas figuras públicas devido à proximidade e identificação geradas pelas redes sociais.³

O impacto da opinião de influenciadores na área da saúde pode ser tão significativo que chega a moldar comportamentos, criando uma percepção equivocada de segurança sobre o uso indiscriminado de medicamentos. Plataformas como *TikTok*, *Instagram*, *Twitter*, *Facebook* e outros impulsionaram o uso não indicado de semaglutida (*Ozempic*), por exemplo, para fins estéticos, evidenciando a promoção de práticas potencialmente perigosas entre jovens.⁴

O uso indiscriminado de fármacos para emagrecimento promovido nas redes sociais, com consequências adversas como dependência e efeitos colaterais graves, ampliadas pela falta de regulamentação dos conteúdos veiculados é uma realidade constante. Jovens entre 18 e 26 anos costumam adotar conselhos de saúde divulgados online, muitas vezes sem uma avaliação crítica, o que pode resultar em comportamentos com potencial risco à saúde.⁵

A dependência digital tem se tornado um fenômeno cada vez mais presente entre jovens adultos, caracterizando-se pelo uso excessivo e descontrolado de tecnologias digitais, especialmente das redes sociais. Esse comportamento pode resultar em prejuízos emocionais, cognitivos e sociais, afetando diretamente a qualidade de vida e a tomada de decisões relacionadas à saúde. A exposição constante a conteúdos *online*, influencia diretamente o comportamento dos usuários, que passam a confiar em informações compartilhadas por influenciadores e grupos virtuais, muitas vezes sem avaliação crítica da veracidade dessas orientações. Essa vulnerabilidade pode levar à adoção de práticas prejudiciais, como a automedicação, motivada por tendências populares ou promessas de resultados rápidos divulgadas na internet.⁶

A dependência digital pode intensificar sentimentos de ansiedade e estresse, criando um ciclo vicioso em que os indivíduos recorrem ainda mais às redes sociais em busca de alívio emocional. Essa relação de dependência, além de comprometer a saúde mental, interfere no discernimento necessário para escolhas, representando um fator preocupante em relação ao isolamento social trazendo prejuízo na tomada de decisões, incluindo as relacionadas ao uso de medicamentos sem orientação.⁷

Esses fenômenos, associados à automedicação, expõem os jovens adultos a riscos como reações adversas, intoxicações, interações medicamentosas e atraso no diagnóstico de doenças sérias. Diante disso, compreender os impactos da dependência digital é essencial para o desenvolvimento de estratégias de educação em saúde e de políticas públicas que promovam o uso consciente da tecnologia, prevenindo riscos associados à desinformação e ao uso inadequado de fármacos.

Nesse contexto, o farmacêutico desempenha um papel fundamental na prevenção e no controle da automedicação, atuando como agente de educação em saúde e orientador do uso racional de medicamentos. Sua atuação vai além da simples dispensação, envolvendo a identificação de riscos relacionados a interações medicamentosas, reações adversas e uso inadequado de fármacos, principalmente entre jovens adultos influenciados por informações equivocadas disseminadas nas mídias sociais.⁸

O acompanhamento farmacêutico é essencial para esclarecer dúvidas, promover o uso seguro dos medicamentos e reduzir os danos decorrentes da automedicação incentivada por conteúdos digitais não regulamentados.⁹ O farmacêutico deve assumir uma postura proativa na educação da população, desenvolvendo ações de conscientização e campanhas informativas que desmistifiquem informações falsas propagadas *online*.

A orientação individualizada, aliada a estratégias coletivas de promoção da saúde, contribui para minimizar os riscos da automedicação e fortalece a relação de confiança entre os usuários e os profissionais de saúde.¹⁰ A presença do farmacêutico nas farmácias comunitárias e em serviços públicos de saúde é estratégica para a prevenção de agravos relacionados ao uso inadequado de medicamentos e para a promoção de uma cultura de autocuidado responsável.¹¹

A presente revisão integrativa teve como objetivo geral analisar a influência das mídias sociais no comportamento de automedicação entre jovens adultos, investigando de que maneira conteúdos digitais, incluindo postagens de influenciadores e informações não verificadas, impactam a tomada de decisões em saúde. Busca-se compreender como a disseminação de informações sobre medicamentos, muitas vezes sem respaldo científico, contribui para práticas de automedicação, expondo os jovens a riscos como intoxicações, efeitos adversos e atrasos no diagnóstico de doenças.

O presente estudo também pretende discutir o papel do farmacêutico como agente mediador na orientação sobre o uso racional de medicamentos, na promoção de hábitos seguros de autocuidado e na educação em saúde voltada à população jovem, reforçando a importância da integração entre profissionais de saúde, tecnologia e educação para a construção de ambientes mais seguros e informados.

Para alcançar o objetivo geral, este estudo se propõe a atingir três objetivos específicos: Identificar os principais tipos de conteúdo sobre medicamentos e saúde disseminados nas mídias sociais e compreender como influenciam o comportamento de automedicação; Examinar os riscos associados à automedicação mediada por informações digitais não verificadas, considerando intoxicações, interações medicamentosas e atrasos no diagnóstico; Avaliar a atuação do farmacêutico como agente educativo e preventivo, destacando estratégias eficazes para promover o uso racional de medicamentos e reduzir os impactos negativos da automedicação entre jovens adultos.

Assim, diante do aumento do uso das redes sociais como fonte de informação em saúde, esta revisão integrativa propõe analisar através de artigos científicos, a influência dessas plataformas no comportamento de automedicação entre jovens adultos. Será demonstrado o impacto das mídias sociais na disseminação de informações sobre medicamentos, destacando como conteúdos não verificados e promovidos por influenciadores digitais contribuem para práticas perigosas. Em seguida, serão discutidas as consequências da automedicação, incluindo riscos como intoxicações, interações medicamentosas, efeitos adversos e atrasos no diagnóstico de doenças. Por fim, será explorado o papel do farmacêutico como agente essencial na orientação do uso racional de medicamentos, atuando na educação em saúde, na promoção de campanhas informativas e na prevenção de danos relacionados à automedicação. Esses tópicos visam oferecer uma visão ampla sobre os desafios atuais e estratégias para reduzir os impactos negativos desse fenômeno.

2 Materiais e Métodos

Trata-se de uma revisão de literatura integrativa, de caráter bibliográfico. Para a escolha dos artigos foram feitas buscas nas bases de dados *Medical Literature Analysis and Retrieval* (Medline via pubmed), *Scientific Eletronic Library Online* (SCIELO), *ScienceDirect* e Literatura Latino-

americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e *Science Direct*, foram utilizados artigos do tipo ensaio clínico, nas línguas portuguesa e inglesa, publicados entre os anos de 2015 a 2025.

Dentre os critérios de exclusão, foram retirados estudos que não abordassem a automedicação, pesquisas que não estivessem escritas em língua portuguesa ou inglesa e artigos que não envolvessem intervenções ou análises relacionadas a jovens adultos.

Para a realização das buscas, foram selecionados termos conforme os descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e áreas afins: automedicação, influência, mídias sociais, jovens adultos, riscos, saúde. Também foram utilizados os seguintes descritores em inglês: “*Self-medication*”, “*Influence*”, “*Social media*”, “*Young adults*”, “*Health risks*”. Os descritores foram combinados utilizando o operador Booleano *AND*, conforme apresentado no Quadro 1.

Quadro 1 – Estratégia de busca utilizando os descritores

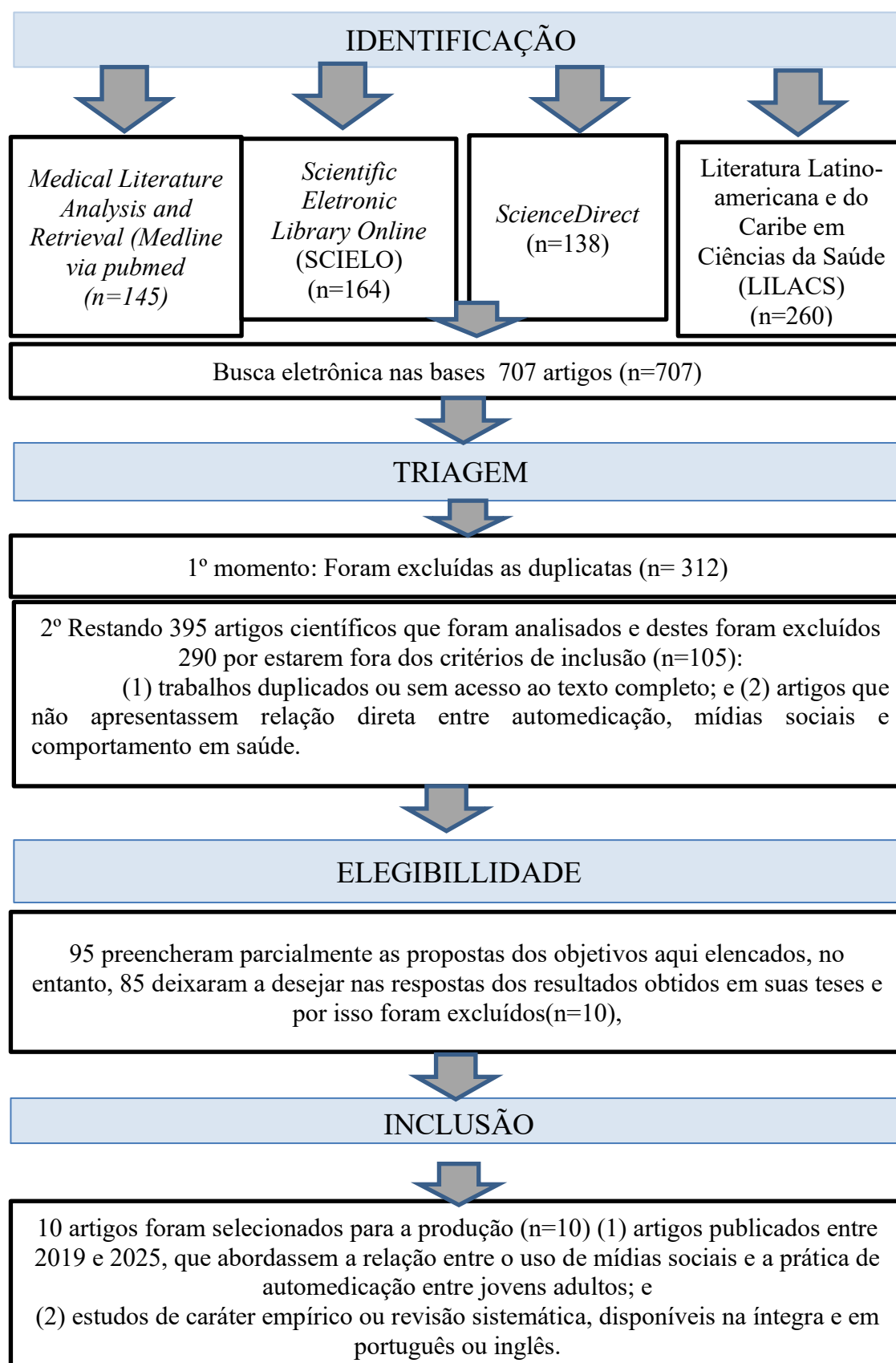
BASES DE DADOS	ESTRATÉGIA DE BUSCA
SCIENCEDIRECT	“Automedicação” AND “Mídias sociais” AND “Riscos” AND “Saúde”
PUBMED	“ <i>Self-medication</i> ” AND “ <i>Social media</i> ” AND “ <i>Health risks</i> ” AND “ <i>Young adults</i> ”
LILACS	“Automedicação” AND “Influência” AND “Enfermagem”
SCIELO	“ <i>Self-medication</i> ” AND “ <i>Social networks</i> ” AND “ <i>Health</i> ” AND “ <i>Nursing</i> ”

Fonte: Autores, 2025

Através das buscas eletrônicas realizadas nas bases de dados selecionadas para este estudo, foram encontrados 707 artigos relacionados à automedicação e à influência das mídias sociais sobre jovens adultos. Após a remoção de duplicatas ($n = 312$), restaram 395 artigos que foram analisados quanto aos critérios de inclusão e exclusão previamente estabelecidos. Foram adotados como critérios de inclusão: (1) artigos publicados entre 2019 e 2025, que abordassem a relação entre o uso de mídias sociais e a prática de automedicação entre jovens adultos; e (2) estudos de caráter empírico ou revisão sistemática, disponíveis na íntegra e em português ou inglês. Já os critérios de exclusão compreenderam: (1) trabalhos duplicados ou sem acesso ao texto completo; e (2) artigos que não apresentassem relação direta entre automedicação, mídias sociais e comportamento em saúde.

Desse total, 290 artigos foram excluídos por não atenderem aos critérios definidos, restando 95 artigos elegíveis. Após uma leitura detalhada de títulos, resumos e textos completos, 10 artigos foram finalmente selecionados para a produção deste estudo, todos escritos em português e inglês, com foco nos efeitos da influência das mídias sociais sobre a automedicação, os riscos à saúde e o papel da enfermagem na orientação e prevenção, conforme destacado no fluxograma abaixo.

Os estudos selecionados indicam que a exposição a conteúdos sobre medicamentos nas mídias sociais aumenta significativamente a propensão à automedicação entre jovens adultos, especialmente em situações de autodiagnóstico ou recomendações informais. Além disso, os resultados evidenciam riscos à saúde associados ao uso inadequado de medicamentos, incluindo reações adversas, interação medicamentosa e atraso no tratamento de condições médicas.

Figura 1 – Fluxograma de seleção de estudos

Fonte: (Autores, 2025).

2 Resultados e Discussões

No quadro 2 estão apresentadas as sínteses dos artigos incluídos neste estudo. Após a leitura dos selecionados, houve uma análise dos dados por meio de uma leitura analítica, exploratória e argumentativa.

Quadro 2- Sínteses dos artigos incluídos

AUTORES / ANO	OBJETIVO	MÉTODO	AMOSTRA	RESULTADOS
Brito-Matos. 2025; ¹²	Analisar a influência das redes sociais na automedicação, com foco no uso do <i>Ozempic</i> .	Revisão bibliográfica e análise de conteúdos em plataformas digitais.	Não especificada.	Identificou-se o uso indiscriminado do <i>Ozempic</i> para fins estéticos, promovido por influenciadores digitais.
Souza. 2024; ¹³	Investigar os riscos das mídias sociais no uso de medicamentos para emagrecimento.	Estudo bibliográfico e análise de conteúdos digitais.	Não especificada.	Evidenciou-se o aumento do consumo de medicamentos para emagrecimento, com riscos à saúde e necessidade de regulamentação.
Silva. 2024; ¹⁴	Analisar o impacto das mídias digitais no comportamento de jovens adultos em relação à automedicação.	Estudo de caso com análise qualitativa.	Jovens adultos usuários de mídias sociais.	Observou-se a influência das mídias digitais na automedicação entre jovens adultos.
Xu. 2024; ¹⁵	Investigar como jovens adultos confiam em informações de saúde online.	Etnografia com observação participante.	42 usuários de internet entre 18 e 26 anos.	Identificou-se que os participantes confiam em informações de saúde online compartilhadas por influenciadores com corpos semelhantes aos seus.
Souza.2024; ¹⁶	Analisar a influência das mídias sociais no uso indiscriminado de fármacos para emagrecimento.	Estudo bibliográfico e análise de conteúdos digitais.	Não especificada.	Evidenciou-se o uso indiscriminado de fármacos para emagrecimento, promovido por mídias sociais.
Santos.2021; ¹⁷	Analisar a influência das redes sociais no uso irracional de medicamentos durante a pandemia de COVID-19.	Estudo de caso com abordagem qualitativa.	Estudantes de Farmácia e profissionais de saúde.	Observou-se o uso irracional de medicamentos, influenciado por informações nas redes sociais.

AUTORES / ANO	OBJETIVO	MÉTODO	AMOSTRA	RESULTADOS
Braga LS. 2023; ¹⁸	Examinar a prevalência e as causas da automedicação influenciada pelas mídias sociais no Brasil.	Estudo bibliográfico e análise de dados secundários.	Não especificada.	Identificou-se a automedicação como prática comum entre jovens adultos, influenciada por mídias sociais.
Távora CG. 2023; ¹⁹	Apresentar as redes sociais como fator de impacto na área da saúde.	Revisão bibliográfica.	Não especificada.	Destacou-se a influência das redes sociais na saúde, incluindo práticas de automedicação.
Santos.2023; ²⁰	Analisar a dependência digital e seus efeitos na saúde mental.	Revisão de literatura.	Não especificada.	Observou-se que a dependência digital pode levar a comportamentos de automedicação entre jovens adultos.
Gomes RO. 2024; ²¹	Investigar a automedicação entre estudantes universitários durante a pandemia.	Estudo de caso com abordagem qualitativa.	Estudantes universitários.	Identificou-se o aumento da automedicação entre estudantes, influenciado por informações nas redes sociais.

Fonte: (Autores, 2025).

Os estudos analisados concordam ao reconhecer que as mídias sociais atuam como vetores poderosos de informação sobre medicamentos, embora apresentem dados importantes quanto à natureza dessa influência. Brito-Matos et al.²² investigaram especificamente o uso de Ozempic nas redes, destacando como narrativas de emagrecimento rápido podem normalizar práticas de uso *off-label* e criar procura baseada em testemunhos pessoais em vez de evidência clínica. De modo semelhante, Souza et al.²³ apontam que conteúdos sobre medicamentos para emagrecimento viralizam com rapidez, amplificando riscos de uso indevido entre jovens que buscam resultados estéticos imediatos. Já Silva et al.²⁴ observam que a exposição contínua a posts que enaltecem “soluções rápidas” altera a percepção de risco e reduz a propensão à consulta profissional, ou seja, as mídias redesenham o limiar entre autogestão e automedicação insegura.

Apesar desse consenso sobre o potencial de risco, há discordância sobre o peso relativo da intenção do usuário versus a responsabilidade dos provedores de conteúdo: enquanto alguns estudos enfatizam a vulnerabilidade individual, outros colocam maior ênfase na regulação do fluxo informacional. A questão dos medicamentos para emagrecimento aparece nos estudos de Souza, Colli e Andrade²⁵ que documentam riscos específicos associados à divulgação de substâncias e rotas de uso perigosas em plataformas populares, enfatizando relatos de efeitos adversos e de busca por fontes informais de aquisição. A pesquisa complementar amplia esse olhar ao demonstrar que a repetição de mensagens pró-emagrecimento nas redes reforça crenças sobre segurança e eficácia, mesmo quando faltam evidências científicas robustas.

Em contrapartida, Braga²⁶ aborda prevalência e causas no contexto brasileiro, sugerindo que fatores socioeconômicos e lacunas na educação em saúde também explicam a adesão a essas práticas, além da mera exposição mediática. Logo, enquanto há concordância quanto ao risco provocado pela promoção de medicamentos para emagrecimento nas redes, os estudos divergem sobre os determinantes primários, viralização do conteúdo versus determinantes sociais mais amplos.

O fenômeno do Ozempic, como caso de estudo contemporâneo, ilustra bem as dinâmicas observadas no estudo de Brito-Matos et al.²⁷, que mostram que a visibilidade do fármaco nas plataformas transformou um medicamento indicado para diabetes em símbolo de emagrecimento, com relatos de autotratamento e compartilhamento de “dicas” de uso. Essa transformação semântica do produto de terapia para doença crônica a recurso estético é percebida também por Silva et al.²⁸, que documentam alterações comportamentais em jovens adultos após exposição a conteúdos “antes e depois” e testemunhos influentes. Ao comparar esses achados, é possível entender a necessidade de intervenção regulatória e educacional, mas também uma diferença quanto ao foco, pois alguns autores propõem campanhas públicas e maior fiscalização das plataformas, enquanto outros argumentam pela capacitação dos profissionais de saúde para dialogar com usuários impactados.

A confiança nas informações de saúde online é outro fator recorrente em vários estudos, como demonstrado por Xu et al.²⁹, que analisam como jovens adultos avaliam credibilidade online e encontram que relatos pessoais e influenciadores são frequentemente percebidos como mais confiáveis que fontes institucionais, principalmente quando há identificação social ou estética com aquele que está emitindo a informação. Silva et al.³⁰ corroboram esse padrão, observando que o viés de confirmação e o efeito de comunidade aumentam a probabilidade de aceitar conselhos de automedicação.

Em contraposição, Braga³¹ destaca que campanhas educativas e intervenções de saúde pública ainda conseguem, em contextos específicos, resgatar a confiança em fontes formais, indicando uma via para amenizar o problema, justificando a influência da percepção de credibilidade nas práticas de automedicação, mas divergindo sobre a eficácia e alcance das estratégias de correção.

Estudos que avaliaram o período da pandemia reforçam a ideia de que crises sanitárias aceleram comportamentos de automedicação mediados por redes sociais. Santos et al.³² observaram o aumento no uso irracional de medicamentos durante a pandemia, relacionando esse aumento ao medo, à dificuldade de acesso aos serviços de saúde presenciais e à proliferação de informações erradas. Gomes³³ demonstrou que, em contexto de restrição de serviços, a tendência a recorrer a recomendações online elevou a busca por fármacos previamente prescritos ou por alternativas não regulamentadas. Esses estudos convergem na identificação de fatores situacionais, falta de acesso, ansiedade pandêmica que potencializaram a automedicação, apontando para a necessidade de respostas rápidas do sistema de saúde e de intervenções digitais que priorizem informação correta.

A prevalência e causas da automedicação no Brasil, tema abordado por Braga³⁴, dialogam com investigações sobre dependência digital e saúde mental para demonstrar um cenário multifatorial. O autor apresenta dados nacionais que relacionam maior índice de automedicação a perfis de baixa escolaridade em saúde, menor acesso a serviços e maior exposição a conteúdos sensacionalistas. No entanto, os estudos de Santos, Oliveira e Pereira³⁵ analisam dependência digital e mostram que o tempo excessivo nas plataformas está associado a pior regulação emocional e maior propensão a adotar práticas arriscadas de saúde, incluindo automedicação. Em contrapartida, o trabalho de Xu et al.³⁶ indica que as mesmas plataformas também abrigam movimentos e contas que oferecem contra-narrativas baseadas em evidência científica, sugerindo que as redes são ambíguas e contingentes ao tipo de atores hegemônicos. Assim, as mídias sociais não são monolíticas; elas ampliam tanto riscos quanto oportunidades de educação em saúde, dependendo de quem produz e amplifica o conteúdo.

A discussão sobre intervenção e regulação digital aparece como ponto de maior convergência normativa entre os autores, embora haja discordância sobre instrumentos e prioridades. Brito-Matos³⁷ e Souza³⁸ propõem forte regulação de conteúdos sensíveis, remoção de anúncios que promovam uso *off-label* e rastreamento de origens de desinformação. Já Braga³⁹ e Gomes⁴⁰ sugerem que políticas combinadas que unam regulação com campanhas de alfabetização em saúde e maior presença institucional nas plataformas podem ser mais eficazes em longo prazo medidas restritivas podem reduzir disseminação imediata, mas sem educação e acesso substitutivos o comportamento pode migrar para canais menos regulados.

A relevância do perfil etário e do contexto universitário é outro aspecto em que os estudos dialogam, no sentido de que jovens adultos, especialmente estudantes universitários, aparecem como grupo de risco devido à alta exposição digital e à busca por soluções rápidas que conciliem performance acadêmica e aparência física, o autor supracitado identifica maior prevalência de automedicação entre universitários em situações de estresse acadêmico, enquanto Silva ⁴¹ e Xu ⁴² mostram que jovens confiam mais em pares e influenciadores nesse período de vida, o que facilita a aceitação de recomendações não profissionais.

Esses achados apontam para a necessidade de intervenções direcionadas por faixa etária, com ações pedagógicas voltadas à literacia em saúde digital nos campi e escolas. A literatura também debate o papel dos profissionais de saúde diante desse cenário de automedicação impulsionada por mídias: alguns autores defendem maior proatividade na comunicação digital por parte de enfermeiros e médicos, sugerindo presença institucional nas plataformas para contrapor narrativas perigosas. Ressaltando limites de alcance e recursos, sem estruturas de apoio e incentivos institucionais, a presença profissional online pode ser esporádica e insuficiente, demonstrando a importância do envolvimento profissional, mas discordância quanto à viabilidade operacional e às estratégias mais efetivas de engajamento digital.

Em termos de riscos concretos relatados, há concordância entre os autores aqui estudados em torno de consequências clínicas e sociais desde eventos adversos e interações medicamentosas até agravamento de condições subjacentes e impactos psicossociais, como ansiedade, culpa e estigmatização. Estudos sobre Ozempic e medicamentos para emagrecimento, por exemplo, documentam casos de efeitos colaterais sérios e uso indevido de dosagens não autorizadas. Santos et al. ⁴³ e Braga ⁴⁴ correlacionam o aumento de práticas arriscadas com piores desfechos de saúde pública em comunidades com menos acesso a serviços formais, fortalecendo o argumento por medidas integradas de prevenção e vigilância.

Sobre fatores protetivos, algumas das pesquisas aqui apresentadas destacam que alfabetização em saúde e fortalecimento de vínculos comunitários reduzem a propensão à automedicação perigosa nas redes. Braga ⁴⁵ e Gomes ⁴⁶ identificaram que programas educativos implementados em escolas e universidades conseguem diminuir crenças equivocadas e a aceitação de conselhos não profissionais. Além disso, iniciativas que promovem literacia digital e incentivo ao diálogo com profissionais de saúde demonstraram reduzir a vulnerabilidade à desinformação em estudos com delineamento experimental.

Sobre o papel do farmacêutico, de acordo com Santos et al. ⁴⁷, o farmacêutico desempenha um papel essencial na mitigação dos riscos da automedicação, especialmente em contextos de grande circulação de informações nas redes sociais, onde o consumo irracional de medicamentos foi amplamente intensificado durante a pandemia de COVID-19. Para os autores, cabe a esse profissional orientar a população sobre o uso correto dos fármacos e alertar quanto às interações medicamentosas e possíveis reações adversas. Lima, Oliveira e Santos ⁴⁸ reforçam que a atuação farmacêutica deve ir além da simples dispensação, envolvendo educação em saúde, aconselhamento clínico e a promoção do uso racional de medicamentos. Silva et al. ⁴⁹ destacam que o farmacêutico, como agente de saúde, precisa combater a desinformação propagada nas mídias digitais, atuando de forma ética e científica na orientação dos pacientes.

Dessa forma, o profissional se consolida como elo fundamental entre a informação fidedigna e a segurança terapêutica, contribuindo para a promoção da saúde pública e a prevenção de danos decorrentes do uso inadequado de medicamentos. Quanto às lacunas de pesquisa, os autores concordam que estudos longitudinais e intervenções avaliadas por desenho experimental são necessários para avaliar impacto causal.

Além disso, é possível perceber que existe um consenso crescente de que a automedicação influenciada por mídias sociais não é apenas um fenômeno informacional, mas também um sintoma de desvantagens estruturais e de baixa alfabetização em saúde. Importante destacar que existem pesquisas estatísticas sobre a presente temática, como a pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa e Pós-Graduação para o Mercado Farmacêutico (ICTQ) em parceria com o Instituto Datafolha ⁵⁰ em

março de 2024 e divulgada em agosto do mesmo ano, revelou que 86% dos brasileiros recorrem à automedicação, o que corresponde a aproximadamente 138 milhões de pessoas.

2.017 foram entrevistados, sendo 963 mulheres e 1.054 homens, o que indica uma distribuição equilibrada entre os gêneros. Em relação à faixa etária, observa-se maior prevalência entre indivíduos de 45 a 59 anos (461), seguidos pelos de 35 a 44 anos (416) e 25 a 34 anos (391), revelando que a prática é mais comum entre adultos em idade produtiva, possivelmente devido à rotina acelerada e ao fácil acesso à informação. Entre os mais jovens (16 a 24 anos), o número é expressivo (365), sugerindo influência significativa das redes sociais e da cultura digital na busca por soluções rápidas de saúde. Quanto à escolaridade, destaca-se que a maioria possui ensino médio (1.030), seguida do fundamental (548) e do superior (439), o que demonstra que a automedicação ocorre independentemente do nível educacional, reforçando a necessidade de políticas públicas de educação em saúde e uso racional de medicamentos.

Vale ressaltar que a automedicação pode levar a erros graves de dosagem e interação medicamentosa, que, se não tratados, podem resultar em complicações fatais. O uso prolongado de medicamentos sem supervisão adequada pode ainda causar efeitos adversos inesperados, especialmente quando o paciente não tem conhecimento sobre os riscos associados a determinadas classes de medicamentos. É o que mostra o estudo conduzido por Oliveira e Peder (2022)⁵¹, que investigou o consumo de medicamentos isentos de prescrição (MIPs) em uma farmácia localizada no estado do Paraná.

Os resultados demonstraram que anti-inflamatórios, analgésicos e antitérmicos figuraram entre os fármacos mais procurados pelos usuários. As principais justificativas para a utilização desses medicamentos incluíam episódios de cefaleia, além de sintomas associados a gripes e resfriados. Muitos usuários desconhecem os princípios ativos contidos nos MIPs, os limites de dosagem segura, o tempo adequado de uso e os riscos de interações medicamentosas com outros produtos ou alimentos.

Do ponto de vista farmacocinético e farmacodinâmico, a ausência de monitoramento clínico na utilização de MIPs pode acarretar reações adversas de natureza idiossincrática que são respostas não esperadas, além de interações medicamentosas significativas sobretudo em pacientes polimedicados e até mesmo o mascaramento de sintomatologias mais graves, dificultando o diagnóstico precoce de enfermidades subjacentes. Dentre os MIPs com maior volume de comercialização, destacaram-se a Dipirona (72%) e o Paracetamol (64%)⁵².

Enfim, ao confrontar concordâncias e discordâncias entre os estudos, nota-se um consenso sobre as mídias sociais que amplificam tanto riscos quanto oportunidades e, portanto, respostas multifacetadas são necessárias regulação proporcional, campanhas educativas, capacitação de profissionais e inclusão de estratos vulneráveis nas estratégias de saúde pública, a literatura recente aponta para a necessidade de ações integradas que combinem prevenção, vigilância e promoção da literacia em saúde digital para mitigar os efeitos adversos da automedicação influenciada pelas mídias sociais.

No que se refere ao papel das mídias sociais como espaços de normalização versus espaços de resistência, os estudos apresentam leituras complementares que enfatizam a tendência de normalização, ou seja, a realidade repetitiva sobre autocuidados com fármacos que transforma práticas atípicas em comportamentos socialmente aceitos. No fator econômico, a automedicação tem implicações significativas. Além de sobrecarregar os sistemas de saúde, que são frequentemente demandados por complicações decorrentes da prática, ela gera custos desnecessários.

A prática de recorrer ao uso autônomo de medicamentos é amplamente disseminada no contexto brasileiro, sendo impulsionada por determinantes culturais, econômicos e comportamentais. Entre os elementos que favorecem esse comportamento, destacam-se a ampla facilidade de aquisição de fármacos isentos de prescrição, a intensa divulgação publicitária de produtos farmacêuticos e a busca da população por alternativas imediatas para o alívio de sintomas ou resolução de problemas de saúde⁵³.

Fernandes; Silva; Marques (2021)⁵⁴ evidencia que a automedicação é influenciada por múltiplos fatores, refletindo tanto aspectos individuais quanto circunstâncias externas. Observa-se que os principais motivadores estão relacionados à disponibilidade do medicamento na farmácia (73,8%) e ao fato de o usuário já ter utilizado anteriormente o mesmo fármaco (73,6%), indicando uma forte tendência à repetição de tratamentos anteriores sem orientação profissional. Além disso, recomendações informais de outras pessoas (35,5%) e a leitura da bula (32,1%) também aparecem como fatores relevantes, sugerindo que muitos indivíduos buscam validação em experiências prévias ou em informações superficiais. O acesso facilitado (20%) demonstra que, embora menos frequente, a conveniência ainda desempenha um papel importante. Assim, o conjunto desses elementos evidencia que a automedicação resulta de um comportamento multifatorial, influenciado tanto pela experiência pessoal quanto pela disponibilidade e circulação de informações, muitas vezes sem a supervisão adequada de um profissional de saúde.

4 Conclusão

A revisão integrativa demonstrou que as mídias sociais influenciam significativamente o comportamento de automedicação entre jovens adultos, sobretudo entre 18 e 26 anos. A ampla circulação de informações sem verificação científica favorece práticas de autocuidado arriscadas, ampliando a chance de intoxicações, interações medicamentosas e reações adversas. Plataformas como TikTok e Instagram têm papel central nesse processo, moldando percepções equivocadas sobre medicamentos e reforçando a necessidade de uma leitura crítica de conteúdos sobre saúde.

Os conteúdos mais disseminados nas redes sociais incluem relatos pessoais, recomendações de influenciadores e publicações com apelo publicitário, quase sempre sem respaldo técnico. Essa comunicação persuasiva fortalece a identificação do público jovem com figuras de autoridade digital e contribui para o aumento da automedicação. A falta de regulação e de filtros de qualidade torna as plataformas digitais ambientes férteis para a desinformação, dificultando a distinção entre informações científicas e empíricas.

Os riscos da automedicação estimulada por informações digitais são amplos, abrangendo efeitos farmacológicos adversos, vulnerabilidades psicológicas e uso inadequado de medicamentos influenciado por pressões estéticas e sociais. Diante desse cenário, o farmacêutico assume função estratégica na promoção do uso racional de medicamentos, atuando como educador em saúde e agente de conscientização. Campanhas educativas e maior presença profissional em ambientes digitais podem reduzir os impactos da desinformação e fortalecer uma cultura de autocuidado responsável baseada em evidências.

Referências

1. Santos KKA, et al. A influência das redes sociais no uso irracional de medicamentos durante a pandemia de COVID-19. *RSD J.* 2021. **Revista Pesquisa e Desenvolvimento**
2. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Diretriz da OMS sobre intervenções de autocuidado para a saúde e o bem-estar**. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2022. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240030909>. Acesso em: 10out. 2025. Silva, AL et al. Redes sociais e automedicação: análise do impacto da mídia digital no comportamento dos jovens adultos. **Revista de Saúde Digital e Sociedade**, v. 6, n. 2, p. 45-58, 2024.
1. Brito-Matos FFB, Matos IAS, Vieira WB. A influência das redes sociais na automedicação: uso do *Ozempic*. In: **Pesquisa, produção e difusão do conhecimento nas Ciências Farmacêuticas**. Capítulo 9. 2025. Atena Editora
2. Souza RVMB de, et al. A influência e os riscos das mídias sociais no uso indiscriminado de fármacos para emagrecimento. **Revista Ibero-Americana de Humanidades e Ciências da Educação**. 2024;10(11):. Periódico Rease.

3. Xu R, Le N, Park R, Murray L. **Like-minded, like-bodied: How users (18–26) trust online eating and health information.** *arXiv* [Internet]. 2024 Feb 28 ;Available from: arXiv preprint. arXiv
4. Xu R, Le N, Park R, Murray L. **Like-minded, like-bodied: How users (18–26) trust online eating and health information.** *arXiv* [Internet]. 2024 Feb 28 ;Available from: arXiv preprint. arXiv
5. Santos RAS, Oliveira LFS, Pereira MLT. Dependência digital e saúde mental: desafios no contexto contemporâneo. **Revista Brasileira de Saúde Digital.** 2023;5(1):22-30.
6. Santos KKA, et al. A influência das redes sociais no uso irracional de medicamentos durante a pandemia de COVID-19. **RSD J.** 2021. Revista Pesquisa e Desenvolvimento
7. Souza RVMB, et al. A influência e os riscos das mídias sociais no uso indiscriminado de fármacos para emagrecimento. **Revista Ibero-Americana de Humanidades e Ciências da Educação.** 2024;10(11):—. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/download/16521/9117/39017>
10. Lima DS, Oliveira RL, Santos MC. O papel do farmacêutico na prevenção da automedicação: desafios e perspectivas. **Revista Brasileira de Farmácia e Prática Clínica.** 2023;19(2):34-42.
- 11 Souza, RVMB de.; et al. A influência e os riscos das mídias sociais no uso indiscriminado de fármacos para emagrecimento. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação,** v. 10, n. 11, 2024. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/16521>. Acesso em: 23 set. 2025.
12. Brito-Matos, FFB.; Matos, IAS.; Vieira, WB. **A influência das redes sociais na automedicação: uso do Ozempic.** In: Pesquisa, produção e difusão do conhecimento nas Ciências Farmacêuticas. Capítulo 9. Atena Editora, 2025. Disponível em: <https://atenaeditora.com.br/catalogo/download-post/97719>. Acesso em: 23 set. 2025.
13. Souza, RVMB de.; Colli, LFM.; Andrade, LGA. A influência e os riscos das mídias sociais no uso de medicamentos para emagrecer. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação,** v. 10, n. 11, 2024. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/16521>. Acesso em: 23 set. 2025.
14. Silva, AL. et al. Redes sociais e automedicação: análise do impacto da mídia digital no comportamento dos jovens adultos. **Revista de Saúde Digital e Sociedade,** v. 6, n. 2, p. 45-58, 2024. Disponível em: <https://bjihs.emnuvens.com.br/bjihs/article/view/3893>. Acesso em: 23 set. 2025.
15. Xu, R.; Le, N.; Park, R.; Murray, L. **Like-minded, like-bodied: How users (18–26) trust online eating and health information.** arXiv preprint, 2024. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2402.18753>. Acesso em: 23 set. 2025.
- 16.Souza, RVMB de.; et al. A influência e os riscos das mídias sociais no uso indiscriminado de fármacos para emagrecimento. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação,** v. 10, n. 11, 2024. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/16521>. Acesso em: 23 set. 2025.
17. Santos, KKA.; et al. A influência das redes sociais no uso irracional de medicamentos durante a pandemia de COVID-19. **Research, Society and Development,** v. 10, n. 7, e0510716069, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/view/16069/14467>. Acesso em: 23 set. 2025.
- 18.Braga, LS. **Automedicação influenciada pelas redes sociais.** 2023. Disponível em: <https://repositorio.ifrj.edu.br/xmlui/handle/20.500.12083/1428>. Acesso em: 23 set. 2025.
19. Távora, CG. **A influência das redes sociais na saúde.** Remici, 2023. Disponível em: <https://remici.com.br/index.php/revista/article/view/80>. Acesso em: 23 set. 2025.
- 20.Santos, RAS.; Oliveira, LFS.; Pereira, MLT. Dependência digital e saúde mental: desafios no contexto contemporâneo. **Revista Brasileira de Saúde Digital,** v. 5, n. 1, p. 22-30, 2023. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/384876928_o_impacto_das_midias_sociais_na_saude_mental_de_adolescentes_e_jovens_adultos. Acesso em: 23 set. 2025.
21. Gomes, RO. **Automedicação entre estudantes universitários durante a pandemia de COVID-19.** Monografia apresentada à Universidade Federal de Ouro Preto, 2024. Disponível em: https://www.monografias.ufop.br/bitstream/35400000/6742/3/monografia_Automedica%C3%A7aoentreestudantes.pdf. Acesso em: 23 set. 2025.
- 22 Brito-Matos FFB, Matos IAS, Vieira WB. A influência das redes sociais na automedicação: uso do Ozempic. In: **Pesquisa, produção e difusão do conhecimento nas Ciências Farmacêuticas.** Capítulo 9. 2025. Atena Editora.
- 23.Souza RVMB, et al. A influência e os riscos das mídias sociais no uso indiscriminado de fármacos para emagrecimento. **Rev Ibero-Am Humanid Ciênc Educ.** 2024;10(11). Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/16521>. Acesso em: 23 set. 2025.
24. Silva AL, et al. Redes sociais e automedicação: análise do impacto da mídia digital no comportamento dos jovens adultos. **Rev Saúde Digital Soc.** 2024;6(2):45–58. Disponível em: <https://bjihs.emnuvens.com.br/bjihs/article/view/3893>. Acesso em: 23 set. 2025.

25. Souza RVMB, Colli LFM, Andrade LGA. A influência e os riscos das mídias sociais no uso de medicamentos para emagrecer. **Rev Ibero-Am Humanid Ciênc Educ.** 2024;10(11). Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/16521>. Acesso em: 23 set. 2025.
26. Braga LS. **Automedicação influenciada pelas redes sociais** [Internet]. 2023. Disponível em: <https://repositorio.ifrj.edu.br/xmlui/handle/20.500.12083/1428>. Acesso em: 23 set. 2025.
27. Brito-Matos FFB, Matos IAS, Vieira WB. A influência das redes sociais na automedicação: uso do Ozempic. In: **Pesquisa, produção e difusão do conhecimento nas Ciências Farmacêuticas**. Atena Editora; 2025.
28. Silva AL, et al. Redes sociais e automedicação: análise do impacto da mídia digital no comportamento dos jovens adultos. **Rev Saúde Digital Soc.** 2024;6(2):45–58.
29. Xu R, Le N, Park R, Murray L. **Like-minded, like-bodied: How users (18–26) trust online eating and health information.** **arXiv preprint.** 2024. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2402.18753>. Acesso em: 23 set. 2025.
30. Silva AL, et al. Redes sociais e automedicação: análise do impacto da mídia digital no comportamento dos jovens adultos. **Rev Saúde Digital Soc.** 2024;6(2):45–58.
31. Braga LS. **Automedicação influenciada pelas redes sociais** [Internet]. 2023. Disponível em: <https://repositorio.ifrj.edu.br/xmlui/handle/20.500.12083/1428>. Acesso em: 23 set. 2025.
32. Santos KKA, et al. A influência das redes sociais no uso irracional de medicamentos durante a pandemia de COVID-19. **Res Soc Dev.** 2021;10(7):e0510716069. Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/view/16069/14467>. Acesso em: 23 set. 2025.
33. Gomes RO. **Automedicação entre estudantes universitários durante a pandemia de COVID-19** [Monografia]. Universidade Federal de Ouro Preto; 2024. Disponível em: https://www.monografias.ufop.br/bitstream/35400000/6742/3/monografia_Automedica%C3%A7aoentreestudantes.pdf. Acesso em: 23 set. 2025.
34. Braga LS. **Automedicação influenciada pelas redes sociais** [Internet]. 2023. Disponível em: <https://repositorio.ifrj.edu.br/xmlui/handle/20.500.12083/1428>. Acesso em: 23 set. 2025.
35. Santos RAS, Oliveira LFS, Pereira MLT. Dependência digital e saúde mental: desafios no contexto contemporâneo. **Rev Bras Saúde Digital.** 2023;5(1):22–30. Disponível em: <https://www/publication/384876928>. Acesso em: 23 set. 2025.
36. Xu R, Le N, Park R, Murray L. **Like-minded, like-bodied: How users (18–26) trust online eating and health information.** **arXiv preprint.** 2024. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2402.18753>. Acesso em: 23 set. 2025.
37. Brito-Matos FFB, Matos IAS, Vieira WB. A influência das redes sociais na automedicação: uso do Ozempic. In: **Pesquisa, produção e difusão do conhecimento nas Ciências Farmacêuticas**. Atena Editora; 2025.
38. Souza RVMB, et al. A influência e os riscos das mídias sociais no uso indiscriminado de fármacos para emagrecimento. **Rev Ibero-Am Humanid Ciênc Educ.** 2024;10(11).
39. Braga LS. **Automedicação influenciada pelas redes sociais** [Internet]. 2023. Disponível em: <https://repositorio.ifrj.edu.br/xmlui/handle/20.500.12083/1428>.
40. Gomes RO. **Automedicação entre estudantes universitários durante a pandemia de COVID-19** [Monografia]. UFOP; 2024.
41. Silva AL, et al. Redes sociais e automedicação: análise do impacto da mídia digital no comportamento dos jovens adultos. **Rev Saúde Digital Soc.** 2024;6(2):45–58.
42. Xu R, Le N, Park R, Murray L. **Like-minded, like-bodied: How users (18–26) trust online eating and health information.** **arXiv preprint.** 2024.
43. Santos KKA, et al. A influência das redes sociais no uso irracional de medicamentos durante a pandemia de COVID-19. **Res Soc Dev.** 2021;10(7):e0510716069.
44. Braga LS. **Automedicação influenciada pelas redes sociais** [Internet]. Rio de Janeiro: Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ); 2023 [citado 23 set. 2025]. Disponível em: <https://repositorio.ifrj.edu.br/xmlui/handle/20.500.12083/142845>.
45. Braga LS. **Automedicação influenciada pelas redes sociais** [Internet]. Rio de Janeiro: Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ); 2023 [citado 23 set. 2025]. Disponível em: <https://repositorio.ifrj.edu.br/xmlui/handle/20.500.12083/142845>.
46. Gomes RO. **Automedicação entre estudantes universitários durante a pandemia de COVID-19** [Monografia]. UFOP; 2024.

47. Santos KKA, et al. A influência das redes sociais no uso irracional de medicamentos durante a pandemia de COVID-19. **Res Soc Dev.** 2021;10(7):e0510716069.
48. Lima DS, Oliveira RL, Santos MC. O papel do farmacêutico na prevenção da automedicação: desafios e perspectivas. **Rev Bras Farm Prát Clín.** 2023;19(2):34–42.
49. Silva AL, et al. Redes sociais e automedicação: análise do impacto da mídia digital no comportamento dos jovens adultos. **Rev Saúde Digital Soc.** 2024;6(2):45–58.
50. Instituto de Pesquisa e Pós-Graduação para o Mercado Farmacêutico (ICTQ); Instituto Datafolha. **Pesquisa nacional sobre automedicação e comportamento farmacêutico no Brasil.** São Paulo: ICTQ/Datafolha; 2025.
51. Oliveira GG, Peder LD. Prevalência da automedicação entre pessoas em uma farmácia no interior do Paraná. **Research, Society and Development.** 2022;11(14):e348111436291.
52. Oliveira GG, Peder LD. Prevalência da automedicação entre pessoas em uma farmácia no interior do Paraná. **Research, Society and Development.** 2022;11(14):e348111436291.
53. Martins LS, Batista Filha AJA, Lago HDL, Sá S. Os riscos da automedicação com medicamentos isentos de prescrição: um problema de saúde pública. **Revista Foco.** 2025;18(6):e008. doi: 10.54751/revistafoco.v18n6-008.
54. Fernandes EW, Silva GC, Marquez CO. A necessidade da prescrição farmacêutica de MIPs e os problemas da automedicação. **Scire Salutis.** 2021;12(1):17–24.